

Zines feministas de arte e poesia: experiências artísticas e inquietações de pesquisa¹

Art and Poetry in Feminist Zines: Artistic Experiences and Research Inquiries

 Juliana Gama de Brito Assumpção

Resumo: O trabalho tem por objetivo levantar reflexões teóricas sobre a materialidade dos zines criados por autoras independentes como canais de expressão de práticas artísticas, literárias e feministas dissidentes na sociedade brasileira, que perpassam questões de gênero, raça e classe social. Desenvolve-se um texto crítico-reflexivo, fruto de pesquisa qualitativa, que combina procedimentos metodológicos do relato de experiência, com a narração em primeira pessoa de vivências da autora no estudo e na produção de zines; e da pesquisa exploratória/bibliográfica, com a discussão de concepções de (fan)zine delineadas por Henrique Magalhães e Fernanda Meireles; e do conceito de interseccionalidade mobilizado por Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins e Sirma Bilge. Complementarmente, o aporte teórico inclui contribuições de outros autores, em especial Theodor W. Adorno e Claus Clüver,

Juliana Gama de Brito Assumpção. Mestra e doutoranda em Literatura brasileira pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL-Uerj). E-mail: assumpcao.jg@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3584052435208641>.

1. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

para ampliar a compreensão da materialidade dos objetos artísticos, considerando a relação dialética entre forma e conteúdo em literatura e outras artes. Como resultado, demonstra-se que a perspectiva interseccional expande o entendimento da materialidade das artes e dos feminismos zineiros, fornecendo instrumentos teóricos relevantes para futuras análises da produção poética de autoras independentes, cujas publicações não só dialogam com ideias feministas, mas, efetivamente, mobilizam gestos de resistência anti-sexista, antirracista e anticapitalista.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Feminismos zineiros. Zines literários.

Abstract: This paper aims to propose theoretical reflections on the materiality of zines created by independent women authors as channels for dissident artistic, literary, and feminist practices within Brazilian society, which intersect with issues of gender, race, and social class. To achieve this, a critical-reflective text is developed, based on qualitative research that combines methodological approaches of experiential reporting, incorporating first-person accounts of the author's experiences in studying and producing zines; and exploratory/bibliographic research, discussing conceptions of (fan)zines outlined by Henrique Magalhães and Fernanda Meireles, as well as the concept of intersectionality mobilized by Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins and Sirma Bilge. Additionally, the theoretical framework includes other scholars, especially Theodor W. Adorno and Claus Clüver, who contribute to understanding the materiality of artistic objects by exploring the dialectical relationship between form and content in literature and other arts. As a result, the study demonstrates that the intersectional perspective enhances the comprehension of the materiality of artistic and feminist zines, providing theoretical tools for future analyses of the poetic production by independent women authors, whose publications not only engage with feminist ideas discursively, but also enact gestures of anti-sexist, anti-racist, and anti-capitalist resistance.

Keywords: Intersectionality. Literary zines. Zine Feminisms.

Introdução

Na última década, a produção poética de mulheres artistas e escritoras independentes, que circula em espaços alternativos em relação ao mercado editorial e à cena artística oficial, tem despertado cada vez mais interesse de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros da área de Letras. Basta uma breve consulta aos principais bancos eletrônicos de teses e dissertações do país para que se verifique a expressiva quantidade de estudos recentes que focalizam alguns segmentos dessa produção, tais quais: a poesia falada por mulheres poetisas em saraus e *poetry slams* (Soares, 2021; Silva, P., 2023; Schulz, 2024); os projetos poético-cancionais de compositoras e intérpretes musicais brasileiras (Silva, M., 2023); e as literaturas de mulheres em mídias digitais, como *blogs* e redes sociais (Lima, 2021; Santos, 2021); entre outros. De modo geral, ainda que por diferentes caminhos, essas pesquisas investigam a relação entre o fazer poético e as experiências de resistência de artistas que pertencem a grupos historicamente excluídos dos circuitos culturais hegemônicos.

Ao tratarem do assunto no livro *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*, lançado em 2018, Heloisa Buarque de Hollanda e Julia Klien (2018, p. 105) referem-se a “uma nova poesia escrita por mulheres, lésbicas e trans”, que se faz “ouvir em saraus, na web, nas ruas, enfim, aonde sua palavra chega mais alto”. Na visão de Hollanda e Klien (2018), embora nem todas as escritoras dessa “nova poesia” que se difunde “além-livro”, no Brasil atual, reconheçam explicitamente seus próprios trabalhos como “feministas”, o impacto dos feminismos contemporâneos sobre tal produção se torna evidente, por exemplo, na recorrente “presença da perspectiva de gênero, do corpo

e dos vários formatos de erotismo” que a caracteriza (Hollanda; Klien, 2018, p. 106-107).

Mais recentemente, no texto de apresentação da antologia *As 29 poetas hoje*, por ela organizada e lançada em 2021, Heloisa retorna à questão do impacto dos “novos feminismos” sobre a recente produção poética de mulheres no Brasil. Desta vez, Hollanda (2021) afirma que um novo tipo de ativismo feminista “pós-2013” estaria em curso na sociedade brasileira, influenciando de maneira significativa as práticas artísticas e literárias entre nós exercidas. Em seus termos, trata-se de “um novo feminismo avesso às lideranças, profundamente conectado, que se faz pela lógica do compartilhamento e da identificação política, mas, sobretudo, afetiva” (Hollanda, 2021, p. 25).

Foi, justamente, em torno desses diálogos entre a poesia independente de autoras brasileiras e os discursos feministas recentes, sobre os quais Hollanda (2021) comenta, que desenvolvi minha pesquisa de mestrado em Letras – Literatura brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), entre os anos de 2021 e 2023, sob a orientação do professor Henrique Marques Samyn.

A dissertação resultante dessa pesquisa – defendida em fevereiro de 2023 e, posteriormente, publicada no livro *Práticas literárias, feminismos zineiros* (Assumpção, 2024a) – baseou-se, em parte, na minha própria experiência em circuitos feministas de publicações independentes desde 2014, em especial na produção e na organização de feiras de zines de poesia e artes visuais criados por mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ na região metropolitana do Rio de Janeiro. Essa vivência, somada ao interesse acadêmico pela produção poética de mulheres em suportes alternativos, motivou-me a focalizar as práticas literárias e feministas inscritas, especificamente, em zines difundidos no contexto fluminense, tendo como recorte temporal a segunda década do século XXI.

Como *corpus* de análise da dissertação, selecionei três zines de poesia e artes visuais produzidos pelo coletivo ‘Nós, as poetas!’, intitulados *Nós, as poetas! I – Mulher* (2016); *Nós, as poetas! II – Erótica* (2018); e *Nós as poetas! III – Em combate à violência de gênero* (2020). Essa escolha embasou-se no fato de se tratar de um coletivo com atuação relativamente constante no recorte espaço-temporal estudado, que tem nos zines impressos sua principal forma de expressão artística e política; e cujo projeto poético dialoga diretamente com ideias e práticas antissexistas. Além disso, os três zines selecionados foram criados coletivamente, por dezenas de escritoras e artistas visuais brasileiras, e distribuídos “de forma independente [...], em eventos auto-organizados ou mesmo nas ruas, praças, transportes públicos e entradas de centros culturais movimentados” (Assumpção, 2023b, p. 11).

Em março de 2023 – logo após a defesa da dissertação –, aceitei um convite de Camila Valladares, também artista e pesquisadora de literatura, para construirmos juntas uma atividade cultural baseada em minha pesquisa de mestrado, como parte da programação do *Ânima 2023*, evento promovido pela Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação (COART) da Uerj para a valorização de artistas mulheres. A parceria com Camila resultou na exposição coletiva *Feminismos Zineiros*, da qual fui curadora e coorganizadora, realizada de 31 de maio a 30 de junho de 2023 no Centro Cultural da Uerj/Maracanã (cf. Uerj, 2023a; 2023b). Junto aos três zines do coletivo ‘Nós, as poetas!’ que eu havia analisado em minha dissertação, também integraram a exposição outros 12 zines de minha coleção pessoal, criados por mim e por outras artistas-zineiras, além de impressões de colagens e poemas visuais de diversas autoras.

Ao transformar a dissertação resultante de uma pesquisa acadêmica, originalmente inserida no contexto restrito de um programa

de pós-graduação *stricto sensu* em Letras e no campo disciplinar dos Estudos Literários, em uma atividade cultural coletiva e aberta à comunidade externa à universidade, a exposição fez com que novas inquietações emergissem no trabalho que desenvolvi no mestrado. Tais inquietações – relativas, sobretudo, à materialidade dos feminismos envolvidos na criação e na circulação de zines artísticos – trouxeram à tona uma questão que, a meu ver, é fundamental para o estudo da produção independente de escritoras e artistas mulheres no Brasil atual, principalmente na área de Letras/Literatura: como analisar os ativismos feministas contemporâneos que se materializam em publicações informais e artesanais, como os zines artísticos, para além da dimensão discursiva desses objetos?

Sem a pretensão de fixar uma resposta unívoca a essa questão, mas a fim de explorar sua fecundidade para o estudo da poesia “além-livro” de autoras contemporâneas, o presente trabalho tem como objetivo levantar reflexões e propor novas perguntas sobre a materialidade dos zines como canais de expressão de práticas artísticas, literárias e feministas dissidentes na sociedade brasileira, cujas ações antissextistas perpassam questões de gênero, raça, classe e sexualidade, entre outras, em uma perspectiva interseccional (Crenshaw, 1989; 1991; Collins; Bilge, 2021).

Para atingir esse objetivo, elaboro um texto crítico-reflexivo sobre a pesquisa de zines feministas no campo dos Estudos Literários, tendo como fio condutor as principais questões que emergiram do processo de transformação de minha dissertação de mestrado na exposição Feminismos Zineiros. Na composição deste texto, escrito em primeira pessoa, articulo minhas próprias experiências com zines artísticos e feministas, tanto na criação e quanto no estudo acadêmico dessas publicações, às concepções de (fan)zine delineadas por Henrique Magalhães

(2004; 2016; 2020) e Fernanda Meireles (2008); e ao conceito de interseccionalidade, com base nas contribuições de Kimberlé Crenshaw (1989; 1991), Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) no âmbito do pensamento feminista negro. Complementarmente, o aporte teórico mobiliza trabalhos de outros autores, em especial Theodor W. Adorno (2008) e Claus Clüver (2006; 2011), que contribuem para a discussão da noção de materialidade em arte e literatura, problematizando a oposição entre “forma” e “conteúdo” em objetos artísticos e literários.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho se situa na zona limítrofe entre o relato de experiência e a pesquisa exploratória de instrumentos teóricos relevantes para o estudo de zines feministas na área de Letras/Literatura, com ênfase nas já mencionadas concepções de (fan)zine e no conceito de interseccionalidade. Nessa perspectiva, este texto é desenvolvido como uma exploração conceitual ancorada na prática, adotando uma abordagem flexível e não dogmática que reflete o caráter experimental dos próprios zines artísticos.

É importante salientar que o foco deste trabalho se concentra na reflexão teórica, com vistas à discussão de conceitos que possam contribuir para futuras pesquisas sobre as práticas artísticas e feministas inscritas nos zines contemporâneos – sobretudo, as definições de (fan)zine e a noção de interseccionalidade, conforme as autoras e o autor anteriormente apontados, além de comentários sumários sobre a noção de materialidade em literatura e outras artes. Desse modo, este estudo consiste fundamentalmente em uma apreciação crítica dos referidos conceitos, à luz das questões evocadas pelo relato de minhas experiências como pesquisadora e produtora de zines feministas. Portanto, é apenas de forma complementar que recorro à análise de um *corpus* específico – duas páginas da terceira edição do zine *Nós, as*

poetas! (2020) –, bem como à exibição de registros fotográficos e fotomontagens autorais que ilustram as ideias discutidas.

Com isso, ao fim do trabalho, demonstro que a materialidade das artes e dos feminismos zineiros ganha novos contornos quando abordada pelo prisma da crítica interseccional, que nos permite compreender como questões de gênero, raça, classe e sexualidade se inscrevem nas autopublicações de artistas mulheres. Dessa forma, este texto contribui com a sistematização de ferramentas teóricas relevantes para futuras leituras da produção poética e dos ativismos praticados por autoras independentes no contexto brasileiro recente, sobretudo no caso das artistas-zineiras, cujas publicações literárias não só dialogam com ideias feministas em uma dimensão discursiva, mas, efetivamente, mobilizam gestos de resistência antissexista, antirracista e anticapitalista.

Apontamentos metodológicos

Una metodología es siempre una ficción. Como una biografía, un cuerpo, una identidad. Cuando pienso la figura de la metodología, específicamente la académica, la imagino como un algoritmo, un conjunto de instrucciones o reglas sucesivas que tienen por objetivo eliminar la duda en torno a los procedimientos. El carácter clausurado de las metodologías académicas me lleva a imaginarlas como procesos fijos, estandarizados y estables que no permiten, ni con mucho esfuerzo, pervertir esas lógicas anquilosadas que performan la validez, científica o institucional, a partir de la repetición.

Lucía Egaña Rojas (2012)

A passagem que trago em epígrafe faz parte do texto “*Metodologias Subnormales*”, originalmente apresentado pela artista e pesquisadora Lucía Egaña Rojas no Seminário Gramsci, em Barcelona, em 13 de no-

vembro de 2012. Inspirada pela crítica de Egaña Rojas (2012) às metodologias acadêmicas tradicionais, adoto neste trabalho uma abordagem (auto)reflexiva e não dogmática, que privilegia o relato subjetivo do processo de construção da pesquisa como caminho para ampliar a discussão teórica sobre o objeto estudado, gerando novos problemas de investigação.

Nesse prisma, este estudo não pretende efetuar uma análise qualitativa ou quantitativa de um determinado conjunto de zines, tampouco se trata de um relato exclusivamente descritivo de uma atividade cultural, pedagógica ou científica específica. Em vez disso, elaboro um texto crítico-reflexivo pautado por questões que emergiram durante a elaboração da pesquisa, sobretudo durante a transformação de minha dissertação de mestrado em uma exposição artística coletiva, com o objetivo de discutir conceitos que contribuam para (re)pensar a materialidade dos zines feministas de arte e poesia em futuras pesquisas da área de Letras, em geral, e do campo dos Estudos Literários, em particular.

Para isso, combino procedimentos metodológicos que se aproximam do relato de experiência², como a narração em primeira pessoa de minhas próprias vivências, percepções e inquietações como pesquisadora e zineira, que impactaram diretamente no desenvolvimento do estudo; e da pesquisa exploratória³, como o levantamento bibliográfico e a discussão de conceitos relevantes para o estudo de zines

2. Daltro e Faria (2019) avaliam o relato de experiência (RE) como uma importante perspectiva metodológica na contemporaneidade, que contempla, mas ultrapassa a dimensão descritiva do fenômeno relatado. Em seus termos: “o RE é uma modalidade de cultivo de conhecimento no território da pesquisa qualitativa, concebida na reinscrição e na elaboração ativada através de trabalhos da memória, em que o sujeito cognoscente implicado foi afetado e construiu seus direcionamentos de pesquisa ao longo de diferentes tempos” (Daltro; Faria, 2019, p. 229).

3. Em relação à pesquisa exploratória, Siqueira e Córdova (2009, p. 35) apontam que “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”, diferenciando-se de pesquisas descritivas e explicativas, voltadas a compreender determinados fenômenos em sua totalidade.

feministas na área de Letras/Literatura, com foco nas concepções de (fan)zine e interseccionalidade. Além disso, também discuto a noção de “materialidade” em arte e literatura, com a explicitação da escolha do enquadramento teórico e a inscrição da reflexão em minha trajetória acadêmica. Essa inscrição é reforçada, inclusive, por uma série de notas de rodapé que indicam outros trabalhos de minha autoria relacionados aos conceitos em discussão.

A meu ver, essa combinação oferece uma abordagem metodológica que não se pretende imparcial, fixa ou conclusiva, mas incorpora a dúvida e a subjetividade da autora como parte fundamental do percurso crítico e reflexivo que (in)forma a pesquisa, entendida, sobretudo, como um trabalho em processo. Nesse prisma, ao longo das próximas páginas, lanço mão de uma escrita explicitamente situada no tempo e no espaço em que o estudo foi desenvolvido, que valoriza o caráter processual, localizado e subjetivo da construção de conhecimento, desafiando a lógica da “repetição acadêmica” mencionada por Egaña Rojas (2012) na epígrafe desta seção.

Pesquisar a poesia e os feminismos dos zines

Figura 1 – Zines exibidos na exposição Feminismos Zineiros

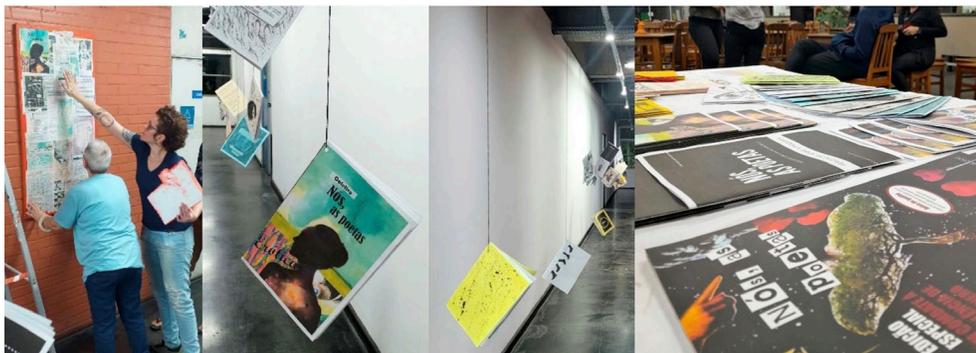


Zines de autoria de Ju Gama, Maria Mitsuko e coletivo 'Nós, as poetas!' exibidos na exposição Feminismos Zineiros, de 31 de maio a 30 de junho de 2023, no Centro Cultural da Uerj/Maracanã. Fonte: Fotografia de Ju Gama, 2023

A imagem acima (Figura 1) é um registro fotográfico de 15 zines artísticos de minha coleção pessoal, criados por mim, por Maria Mitsuko e por outras integrantes do coletivo 'Nós, as poetas!'. Em meados de 2023, durante a exposição Feminismos Zineiros (Figura 2), exibimos essas 15 publicações nos corredores do Centro Cultural da Uerj, junto a trabalhos individuais de Gabi Luna, Barbara Iung, Clara Lobo, Shaina

Marina e Tayná Wolff, entre outras poetisas e artistas independentes (cf. Uerj, 2023a; 2023b).

Figura 2 – Montagem da exposição Feminismos Zineiros em maio de 2023



Fonte: Fotografias do acervo pessoal da autora

Na dissertação que deu origem à exposição, como já comentei, concentrei-me em observar os impactos éticos e estéticos da utilização do (fan)zine como suporte para o fazer artístico de um único grupo de artistas – particularmente, o coletivo ‘Nós, as poetisas!’ (cf. Assumpção, 2023b; 2024a).

Com esse enfoque, fundamentei minha pesquisa de mestrado em uma concepção abrangente de “fanzine”, ou “zine”, como um tipo de publicação autoeditada, (re)produzida e distribuída de forma independente pelas próprias autoras/es, menos preocupadas/os com o retorno financeiro das vendas do que com a propagação de suas produções; e que circula às margens do mercado editorial e da cena artística hegemônica, gerando espaços de trocas materiais e simbólicas entre pessoas com interesses afins (Assumpção, 2024a, p. 43).

Nessa concepção de (fan)zine, por “espaços de trocas”, refiro-me aos eventos em que os zines circulam, como feiras, festas, encontros e exposições auto-organizadas, bem como a grupos que produzem zines de

forma coletiva, a partir de interesses compartilhados pelos participantes de cada evento ou de cada grupo. Esses interesses podem incluir, por exemplo, um determinado gênero artístico ou literário, como poesia, histórias em quadrinhos, contos policiais, ficção científica etc.; um gênero musical ou um projeto ideológico, como nos zines dos movimentos *punk* e anarquistas; e/ou interesses sociais e políticos, como os direitos humanos de mulheres, pessoas negras, LGBTQIAPN+, entre outros.

Outro ponto a ser destacado é que optei por não diferenciar os termos “fanzine” e “zine”, embora haja autores que o façam. É o caso, por exemplo, de Gazy Andraus (2019; 2021), professor, pesquisador e zineiro nascido em Minas Gerais, que tem contribuído de maneira significativa para os estudos de zines artísticos no Brasil, inclusive, por meio da sistematização conceito de “artezine”. Contudo, em minha dissertação de mestrado, escolhi utilizar os dois termos como sinônimos, conforme seu uso corrente entre os grupos de pessoas que produzem zines autorais de poesia e artes visuais no contexto fluminense, dos quais tenho participado desde 2014.

Junto à minha experiência pessoal na criação de zines artísticos, o entendimento amplo de “fanzine”, ou “zine”, anteriormente apresentado, também articula pesquisas de outras autoras/es brasileiros sobre esse tipo específico de publicação. Dentre essas pesquisas, optei por destacar, no presente trabalho, as contribuições do professor, pesquisador, quadrinista e fanzineiro paraibano Henrique Magalhães (2004; 2016; 2020), pioneiro nos estudos sobre o fanzine como um veículo de comunicação no Brasil; e de Fernanda Meireles (2008), artista, pesquisadora e zineira com intensa atuação na cidade de Fortaleza, que aborda os fanzines como objetos artísticos.

Ao investigar o desenvolvimento dos fanzines como um veículo de comunicação no cenário internacional, Magalhães (2004; 2016; 2020)

demonstra que o termo “fanzine” emergiu nos anos 1940, nos Estados Unidos, como um neologismo formado pela aglutinação das palavras *fanatic* (fã) e *magazine* (revista), denominando, a princípio, as “revistas amadoras de ficção científica”, criadas e distribuídas por e para leitores de publicações comerciais relacionadas ao mesmo tema. Nesse contexto, os primeiros fanzines funcionavam como um “canal de integração” entre apreciadores de um determinado gênero literário, que desejavam escrever e divulgar suas próprias histórias (Magalhães, 2020, p. 48).

Por sua vez, Meireles (2008) define “fanzine”, ou “zine”, como

um veículo de comunicação que serve como suporte para uma mensagem com potencial de tornar-se vetor de uma rede de interlocutores acerca de determinado assunto. É também uma obra de arte em si, dado o seu caráter pessoal, artesanal e criado dentro de uma proposta estética (Meireles, 2008, p. 10).

Assim como Magalhães (2020) e Meireles (2008), as diferentes definições de “(fan)zine” que localizei em outras pesquisas acadêmicas⁴ também enfatizam o caráter independente e convivial, ou “socializante” dessas publicações, destacando sua propensão “a gerar e resultar de redes informais de produção e de circulação de textos autorais, aproximando pessoas com interesses afins em circuitos de trocas materiais e simbólicas” (Assumpção, 2024a, p. 67). Com base nessas ideias, durante o mestrado, busquei descrever e analisar os textos poéticos e os discursos feministas inscritos nos zines que selecionei para o estudo.

4. No artigo “A inserção do fanzine em pesquisas da área de Letras no Brasil (1990-2023)”, apresento um levantamento bibliográfico de dissertações de mestrado e teses de doutorado em Letras que abordam o objeto (fan)zine e realizo uma análise detalhada dos trabalhos localizados, identificando de que modo o objeto (fan)zine tem sido pensado neste campo de conhecimento. Cf. Assumpção. 2023a. Disponível em: <https://marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario21-30/imaginario26/imaginario26.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2024.

Ao mesmo tempo, poucos meses depois que concluí a dissertação, a construção da exposição *Feminismos Zineiros* tornou ainda mais viva uma inquietação que atravessou toda a minha pesquisa: a percepção de que o estudo dos textos poéticos e dos discursos feministas que se inscrevem nos zines, de modo geral, tem muito a ganhar com abordagens que não se restrinjam à análise das dimensões verbal e visual dos “conteúdos veiculados”, mas levem em conta os efeitos de sentido das publicações como um todo.

Nesse sentido, a seguinte pergunta pode ser colocada: em trabalhos vinculados ao campo disciplinar dos Estudos Literários, como abordar composições poéticas indissociáveis dos objetos concretos pelos quais podem ser lidos? Ou ainda: como estudar a poesia e as artes dos zines sem incorrer em oposições infrutíferas entre “forma” e “conteúdo”, ou “texto” e “suporte”, que reduzem sensivelmente seu potencial interpretativo?

A meu ver, essas questões refletem um dos principais desafios que permeiam os estudos de zines em pesquisas de pós-graduação em Letras no Brasil, sobretudo na área de Literatura: muitas das ferramentas teórico-metodológicas tradicionais deste campo de conhecimento, pelas quais o texto é interpretado como uma entidade abstrata em relação ao suporte que o veicula, mostram-se insuficientes para a apreciação crítica dos zines, objetos cujo teor literário vincula-se à materialidade da publicação.

Materialidade e(m) zines artísticos, literários e feministas

Meu primeiro contato com estudos mais sistemáticos da materialidade dos objetos artísticos ocorreu em 2013, ao cursar o sexto período da graduação em Letras na Uerj. À época, passei a integrar um projeto de pesquisa coordenado pela professora Fernanda Lemos de Lima, intitulado “Por uma *poiésis* em crise: Benjamin, Adorno e os universais de ruptura a partir de uma estética da modernidade”. Como bolsista de Iniciação Científica, sob a orientação de Fernanda, comecei a pensar a relação dialética entre “forma” e “conteúdo” em arte e literatura, a princípio, a partir da *Teoria Estética* de Theodor W. Adorno (2008). Na perspectiva de Adorno,

A dificuldade em isolar a forma é condicionada pelo entrelaçamento de toda forma estética com o conteúdo; deve ser concebida não só contra ele, mas através dele, para não ter de ser vítima daquela abstração pela qual a estética da arte reacionária costuma aliar-se (Adorno, 2008, p. 215).

Nesse quadro, contra o que denomina de “divisão pedante da arte em forma e conteúdo” (Adorno, 2008, p. 226), o teórico propõe o conceito de “material”, assim compreendido:

[...] o material é aquilo com que lidam os artistas: o que a eles se apresenta em palavras, cores, sons até as combinações de todos os tipos, até os procedimentos técnicos em sua totalidade; nessa medida, podem também as formas transformar-se em material; portanto, tudo o que a eles se apresenta e a cujo respeito podem decidir (Adorno, 2008, p. 226).

Ainda que isso tenha ocorrido no contexto de uma Iniciação Científica, anos antes de que eu começasse a pesquisar sobre zines artísticos na pós-graduação, essas ideias de Adorno (2008) marcaram o início de minha trajetória acadêmica com o entendimento preliminar de “forma” e “conteúdo”, ou “texto” e “suporte” como instâncias inseparáveis em materiais literários, algo que me acompanha até hoje⁵.

Dez anos mais tarde, já no segundo semestre do doutorado, voltei a refletir sobre a mesma questão a partir de uma outra perspectiva teórica: a Intermedialidade⁶, campo de conhecimento com o qual tive contato ao cursar uma disciplina ministrada pela professora Maria Cristina Cardoso Ribas no Programa de Pós-graduação em Letras da Uerj, em 2023. Desta vez, as reflexões sobre a relação imbricada entre forma e conteúdo em literatura e outras artes foram conduzidas, principalmente, pelas contribuições de Claus Clüver (2006; 2011).

Pesquisador alemão cuja trajetória teve início na década de 1950, sendo considerado um dos fundadores do campo da Intermedialidade, Clüver encara o problema da materialidade dos objetos artísticos por meio do conceito “mídia”, tendo por base a concepção semiótica de “texto” como uma “estrutura sígnica *midializada*”, que pode ser verbal, sonora, visual ou híbrida (Clüver, 2006, p. 15).

5. No texto “Materiais literários, feminismos zineiros: poesia em circuitos zine-feministas”, desenvolvo um estudo mais detalhado da noção de materialidade como chave de análise para objetos artísticos e literários, em geral, e para zines feministas, em particular, abordando, inclusive, sua relação com a problemática divisão entre forma e conteúdo em arte e literatura, com base no pensamento elaborado por Theodor W. Adorno e Walter Benjamin. Cf. Assumpção, 2022. Disponível em: www.edufma.ufma.br/wp-content/uploads/woocommerce_uploads/2022/03/ANAIS-I-SILECult.pdf. Acesso em: 17 dez. 2024.

6. No artigo “Teorias e práticas da intermedialidade na criação da colagem *Dança (Oswald de Andrade, comi-o)*”, elaboro um estudo mais denso da Intermedialidade como um campo de pesquisa que surge no meio acadêmico alemão, no fim do século XX, instaurando uma perspectiva crítica à Literatura Comparada e aos Estudos Interartes estadunidenses. Cf. Assumpção, 2024b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.55391/2674-6085.2024.3529>. Acesso em: 17 dez. 2024.

Nessa perspectiva, o conceito de mídia é utilizado por Clüver para se referir tanto aos meios físicos (ou técnicos) da produção e da transmissão de textos quanto às categorias culturalmente construídas para sua classificação, como “pintura”, “música”, “filme” ou “literatura”, entre outras (Clüver, 2011, p. 10). Para tornar essas ideias mais nítidas, na seguinte passagem, o autor utiliza como exemplo a diferenciação entre as mídias “pintura” e “serigrafia”:

A recepção de uma imagem como pintura e não como serigrafia depende da percepção das diferenças das texturas resultantes do tipo de tinta aplicada, dos instrumentos e processos de aplicação e da superfície (tela ou muro em vez de papel ou tecido); [...]. Mas a qualificação de um texto visual como ‘pintura’, quer dizer, uma configuração da mídia ‘pintura’, depende também de contextos, convenções e práticas culturais. O próprio conceito de ‘pintura’, da mesma forma que o conceito de ‘mídia’, é uma construção cultural, resultado de circunstâncias históricas e ideológicas” (Clüver, 2011, p. 10).

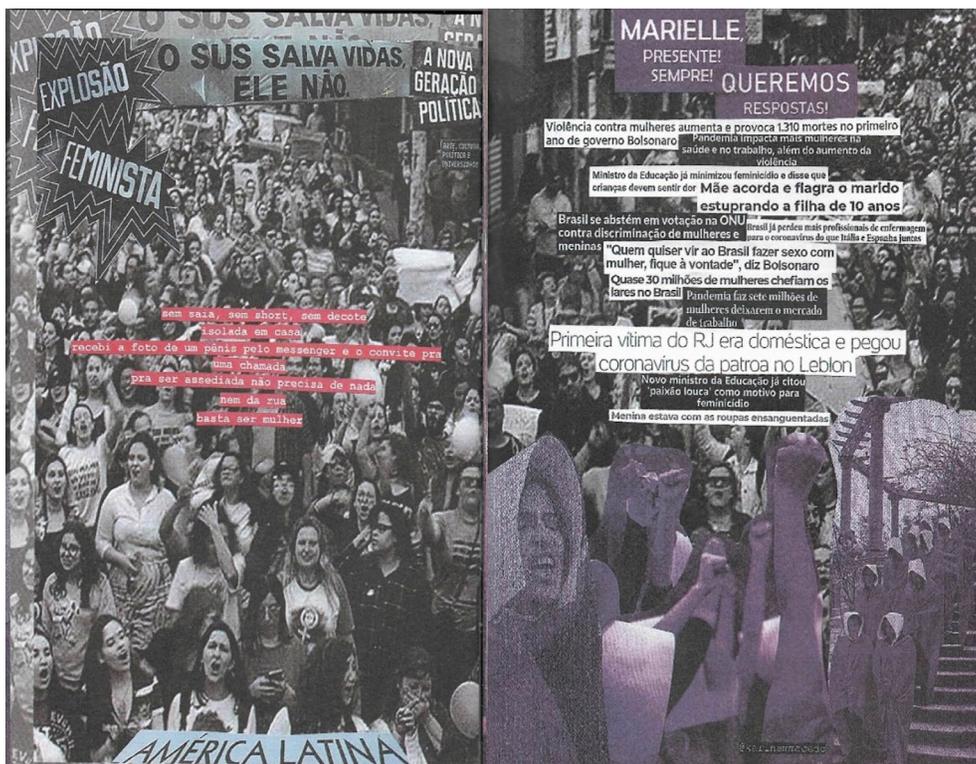
Nesse sentido, Clüver (2011) argumenta que a classificação de certos textos como um tipo específico de “mídia”, bem como sua interpretação e valoração estética em determinados sistemas artísticos, inclui, mas não se limita aos aspectos físicos de sua produção, abarcando a dimensão histórica e cultural de sua circulação e recepção em diferentes épocas e contextos sociais.

Com base nessas ideias, ao utilizar o termo “materialidade” no presente trabalho, refiro-me não apenas às técnicas de composição e aos recursos tecnológicos utilizados na confecção e na reprodução física dos zines, mas também a seus modos e meios de circulação em eventos específicos, como feiras, encontros e exposições coletivas, cujas diversas motivações temáticas e/ou tendências políticas não só se re-

fletem, mas concretizam-se poeticamente nos objetos de papel que ali se difundem. Ou seja: como um conjunto de elementos que conferem dimensões visuais, táteis e sociais imprescindíveis para a construção de sentidos na escrita/feitura e na leitura dos zines, a materialidade a que me refiro é um fator decisivo para as configurações do literário em tais publicações.

Entretanto, pensar criticamente a materialidade dos zines não é uma tarefa simples. Afinal, como publicações independentes e artesanais (no sentido mais amplo deste último termo), por um lado, os zines são bastante diversificados entre si, o que acaba por repelir quaisquer tentativas de fixação de uma descrição unívoca de suas características materiais (físicas e sociais). Por outro lado, seus processos de feitura tendem a mobilizar – e ressignificar – técnicas de composição de diferentes artes e mídias tradicionais, o que muitas vezes resulta em objetos culturais híbridos, intermediáticos e, com frequência, subversivos dos valores que regem o sistema literário e a cena artística oficial.

Para ilustrar essas colocações, selecionei duas páginas de um dos zines que exibimos na exposição *Feminismos Zineiros*: a terceira edição do zine *Nós, as poetas!* (2020), que reúne trabalhos autorais de 26 poetas e artistas visuais em torno do tema “combate à violência de gênero”.

Figura 3 – Páginas de Karina Macedo no zine *Nós, as poetas! III* (2020)

Na página à esquerda, lê-se o poema: “sem saia, sem short, sem decote / isolada em casa / recebi a foto de um pênis pelo *messenger* e o convite pra uma chamada / pra ser assediada não precisa de nada / nem da rua / basta ser mulher”.

Fonte: Karina Macedo; Coletivo ‘Nós, as poetas!’, 2020

Assinadas por Karina Macedo, as duas páginas reproduzidas na Figura 3 apresentam uma composição poética verbal e visual, construída a partir de colagens de textos e imagens de múltiplas fontes. Na página à direita, uma série de manchetes relacionadas a casos de violência de gênero são deslocadas de seus veículos originais para serem rearranjadas sobre uma justaposição de recortes imagéticos que remetem à resistência contra essa violência. Na página à esquerda, um poema que relata um caso de assédio sexual também se sobrepõe à imagem

de mulheres em luta, acrescidas de fragmentos da capa de *Explosão feminista*, livro organizado por Heloisa Buarque de Hollanda (2018) que foi citado na Introdução do presente trabalho. Tais procedimentos expandem os sentidos dos textos verbais do poema e das manchetes inscritas em ambas as páginas para além da denúncia de episódios de assédio e violência de gênero, trazendo à composição referências à força das coletividades feministas.

Do ponto de vista de sua confecção técnica e estética, essas páginas ilustram os aspectos anteriormente destacados em relação às características materiais dos zines artísticos, em especial a tendência à mistura, ao deslocamento e à subversão de diferentes mídias e linguagens artísticas tradicionais.

Ao mesmo tempo, no caso específico desta e de outras publicações que deram corpo à minha dissertação de mestrado, a construção da exposição *Feminismos Zineiros* também evidenciou a materialidade das ideias feministas que as perpassam. Com efeito, tais ideias não apenas se inscrevem, mas também se realizam nos zines que exibimos nos corredores do Centro Cultural da Uerj durante a exposição, ampliando o caráter “socializante” e “convivial” do objeto (fan)zine em práticas antissexistas, antirracistas e anticapitalistas de criação poética.

Para pensar essas práticas, recorro ao conceito de interseccionalidade, cunhado no fim do século XX pela jurista afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw (1989; 1991), a partir do pensamento crítico historicamente desenvolvido por ativistas e intelectuais negras, para analisar e, assim, enfrentar o entrecruzamento dos sistemas de opressão por raça, gênero e classe social que atingem mulheres não-brancas⁷.

7. Realizo um estudo mais denso sobre o conceito de interseccionalidade no segundo capítulo do livro *Práticas literárias, feminismos zineiros* (Assumpção, 2024a, p. 83-96). Disponível em: www.marcadefantasia.com/livros/livros.html. Acesso em: 11 out. 2024.

Interseccionalidade e poesia em Feminismos Zineiros

Ao sistematizar o conceito na área do Direito, Crenshaw (1989; 1991) propõe a interseccionalidade, a princípio, como instrumento jurídico para enquadrar as interações entre o racismo e o sexismo em casos de violência contra mulheres não-brancas. Ao mesmo tempo, como demonstram Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), essas interseções já eram identificadas e enfrentadas por outras ativistas e intelectuais do feminismo negro bem antes de que Crenshaw sistematizasse o conceito, como se observa, por exemplo, no famoso discurso de Sojourner Truth (2014), “E não sou uma mulher?”, proferido em 1851 na Women’s Rights Convention, nos Estados Unidos.

Nesse sentido, Collins e Bilge (2021) destacam que as ideias fundamentais do que Crenshaw (1989; 1991) conceituaria como “interseccionalidade” no fim do século XX foram especialmente catalisadas na década de 1960, no contexto estadunidense, pelo engajamento de mulheres não-brancas nos ativismos “dos direitos civis, do movimento Black Power, de libertação dos chicanos, Red Power e movimentos asiático-americanos” (Collins; Bilge, 2021, p. 90). Assim, as autoras percebem a interseccionalidade como “forma de investigação e práxis críticas”, destacando a relevância do ativismo intelectual de Kimberlé Crenshaw para o contínuo desenvolvimento do conceito nas últimas décadas, como um “constructo de justiça social, não uma teoria da verdade desconectada das preocupações com a justiça” (Collins; Bilge, 2021, p. 111).

Nesse prisma, ao elaborar minha pesquisa de mestrado e, sobretudo, ao transformá-la em uma exposição artística, a perspectiva crítica – teórica e prática – da interseccionalidade mostrou-se uma ferramenta fundamental para acessar a “materialidade” dos feminismos que se realizam nos zines.

Isso se torna evidente, em primeiro lugar, no processo de criação das publicações que integraram a exposição. Da mesma forma que se observa na colagem a seguir (Figura 4), a maior parte dos zines exibidos em *Feminismos Zineiros* foi elaborada de forma coletiva e horizontal, por mulheres (cis e trans*) e pessoas trans* não-binárias, de diferentes identidades étnico-raciais, orientações sexuais, classes sociais, faixas etárias e locais de origem.

Figura 4 – Criação coletiva de um zine feminista de poesia e artes visuais



Colagem de minha autoria, elaborada a partir de fotografias do processo de criação coletiva de um dos zines artísticos exibidos na exposição *Feminismos Zineiros* em 2023, intitulado *Poezine feminista*, fruto de uma oficina que ministrei para estudantes da graduação em Letras da Uerj, em 2022.

Fonte: Fotomontagem de Ju Gama a partir de fotografias de Janaína El-Bainy, 2022

Da escolha temática à reprodução dos livretos, passando pelas etapas de edição e montagem, esse processo de criação coletiva permite que identifiquemos as dimensões convivial e participativa que Magalhães (2020) e Meireles (2008) atribuem aos (fan)zines. Ao mesmo tempo, por serem distribuídos, sobretudo, em espaços de troca e venda informais, como feiras e eventos auto-organizados (Figura 5), os zines que integraram nossa exposição funcionam, ainda, como catalisadores de práticas artísticas, literárias e feministas dissidentes em relação aos circuitos culturais e políticos hegemônicos, rompendo com as dinâmicas de exploração e opressão que se reproduzem, inclusive, em muitos espaços pretensamente progressistas.

Figura 5 – Circulação de zines em um evento feminista auto-organizado



Fotografias feitas por Letícia Ferreira na primeira edição da “TESOURA”, feira de zines criados por mulheres lésbicas, bissexuais e pessoas trans*, da qual fui idealizadora e coorganizadora. Esta primeira edição da feira ocorreu em 2016, na Casa Nem, espaço de acolhimento de pessoas trans* em situação de vulnerabilidade social que, à época, localizava-se no Beco do Rato, região central do Rio de Janeiro.

Fonte: Letícia Ferreira, 2016. Disponível em: www.flickr.com/photos/lettsf/albums/72157669011274826. Acesso em: 11 out. 2024

A meu ver, esses fatores ressaltam a potência feminista dos zines como materiais que abrem espaços de trocas, reflexões e apoio mútuo entre as pessoas autoras, cujas diversas vivências se encontram na celebração afetiva da nossa poesia e se articulam em luta por justiça social, em uma perspectiva interseccional.

Considerações finais

Para encerrar este texto, desejo chamar atenção para o fato de que, ao deslocar para outro contexto os estudos que desenvolvi no mestrado, transformando-os em uma atividade cultural participativa e aberta à comunidade externa de nossa universidade, a construção da exposição *Feminismos Zineiros* deu corpo e alcance às reflexões que, a princípio, haviam conduzido minha pesquisa. Assim, ao articular uma série de questões que emergiram do processo de construção da exposição, este trabalho reitera um dos pilares da dissertação *Práticas literárias, feminismos zineiros (...)* (Assumpção, 2023b), evidenciando a relevância dos zines para a criação de arte, poesia e pensamento interseccional em espaços artísticos e feministas dissidentes, que funcionam às margens dos circuitos culturais e políticos dominantes na sociedade brasileira.

Por outro lado, ao enfatizar a potência coletiva e interseccional dos “Feminismos Zineiros”, que deram nome à exposição, para a construção de práticas artísticas capazes de desestabilizar as bases cis/heterossexista, racistas e elitistas de nossa sociedade, em geral, e do mundo das artes e da literatura, em particular, o trabalho amplia a pesquisa de mestrado de que em primeiro lugar se nutrira. Nesse sentido, este texto contribui com ferramentas teóricas relevantes para a formulação de novos problemas de pesquisa no campo dos Estudos Literários,

abrindo caminhos para futuras análises que levem em conta questões de gênero, raça e classe social que permeiam a materialidade das práticas artísticas, literárias e feministas exercidas por autoras independentes no Brasil atual, sobretudo (mas não apenas) no caso das que se expressam por meio de zines.

Diante disso, encerro esta escrita com um convite a que nós, pesquisadoras e pesquisadores da área de Letras e, particularmente, dos Estudos Literários, encaremos a produção poética de zineiras e outras artistas independentes em sua materialidade, a partir de uma perspectiva crítica interseccional: como um processo ético e estético, íntimo e coletivo, afetivo e político, para além das distinções entre “forma” e “conteúdo”, ou “texto” e “suporte”, e extrapolando os limites da representação discursiva de identidades sociais e disputas políticas.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.

ANDRAUS, Gazy. A disciplina pioneira Artezines: zines, fanzines e biograficines como expressão criativa e artístico-autoral no PPGACV da FAV-UFG. In: ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique (org.). *Dossiê fanzines, artzines e biograficines: publicações mutantes*. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. p. 365-396.

ANDRAUS, Gazy. Zines e artzines: a arte das publicações paratópicas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28., Origens, 2019, Cidade de Goiás. *Anais [...]*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2305-2322.

ASSUMPÇÃO, Juliana Gama de Brito. A inserção do fanzine em pesquisas da área de Letras no Brasil (1990-2023). *Imaginário!*, João Pessoa, v. 26, n. 26, p. 7-25, jun. 2023a. Disponível em: <https://marcadefantasia.com/>

revistas/imaginario/imaginario21-30/imaginario26/imaginario26.pdf.

Acesso em: 17 dez. 2024.

ASSUMPÇÃO, Juliana Gama de Brito. Materiais literários, tecnologias zineiras: poesia em circuitos zine-feministas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURA, ENUNCIÇÃO E CULTURA, 1., 6 dez. 2021, São Luís. *Anais...* São Luís: Ed. UFMA, 2022. p. 114-123. ISBN: 978-65-5363-049-9.

ASSUMPÇÃO, Juliana Gama de Brito. *Práticas literárias, feminismos zineiros: Nós, as poetisas! e os papéis dos fanzines*. 2023. 116 f. Dissertação (Mestrado em Literatura brasileira) – Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023b.

ASSUMPÇÃO, Juliana Gama de Brito. *Práticas literárias, feminismos zineiros*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2024a. Disponível em: www.marcadefantasia.com/livros/livros.html. Acesso em: 11 out. 2024.

ASSUMPÇÃO, Juliana Gama. Teorias e práticas da intermedialidade na criação da colagem Dança (Oswald de Andrade, comi-o). *Scripta Uniandrade*, Curitiba, v. 22, n. 3, p. 156-178, 2024b. DOI: 10.55391/2674-6085.2024.3529. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.55391/2674-6085.2024.3529>. Acesso em: 17 dez. 2024.

CLÜVER, Claus. Inter textus / inter artes / inter media. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 10-41, jul./dez. 2006.

CLÜVER, Claus. Intermedialidade. *PÓS – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 8-23, 2011.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *The University of Chicago Legal Forum*, Chicago, n. 140, p. 139-167, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, California, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991. DOI: 10.2307/1229039.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 14 dez. 2024.

EGAÑA ROJAS, Lucía. Metodologías subnormales. In: SEMINARIO GRAMSCI, Barcelona, nov. 2012. *Screening and speech: Mi sexualidad es una creación*. Barcelona: La Capella, 2012. p. 1-4. Disponível em: https://luciaegana.net/wp-content/uploads/2020/06/Egaña_lucia_Metodologias_subnormales.pdf. Acesso em: 14 dez. 2024.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; KLIEN, Julia. Na poesia. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. É importante começar essa história de algum lugar, ainda que arbitrário. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *As 29 poetas hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LIMA, Paloma Larissa Souza Guimarães de. *@Rupikaur_*: vozes femininas/feministas e(m) poesia em meio digital. 2021. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Mídia e Arte) – Centro de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021. Disponível em: <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/16348>. Acesso em: 11 out. 2024.

MAGALHÃES, Henrique. *A mutação radical dos fanzines*. 2. ed. Parahyba: Marca de Fantasia, 2016.

MAGALHÃES, Henrique. *A nova onda dos fanzines*. Parahyba: Marca de Fantasia, 2004.

MAGALHÃES, Henrique. *O rebuliço apaixonante dos fanzines*. 5. ed. Parahyba: Marca de Fantasia, 2020.

MEIRELES, Fernanda. *Zines Yoyô: uma experiência instintiva em arte-educação*. 2008. 86 f. Monografia (Especialização em Arte-Educação) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, Fortaleza, 2008.

NÓS, as poetas! (Org.). *Nós, as poetas! I – Mulher*. [Zine literário]. Rio de Janeiro: edição das autoras, 2016.

NÓS, as poetas! (Org.). *Nós, as poetas! II – Erótica*. [Zine literário]. Rio de Janeiro: edição das autoras, 2018.

NÓS, as poetas! (Org.). *Nós, as poetas! III – Em combate à violência de gênero*. [Zine literário]. Rio de Janeiro: edição das autoras, 2020.

SANTOS, Etielle Aparecida Silva. *Mulher e poesia no Instagram: análise discursiva da página Onde jazz meu coração*. 2021. 137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10983423. Acesso em: 11 out. 2024.

SCHULZ, Rafaela Tristão. *Poesia falada: como a mulher poeta se diz nos slams*. 2024. 72 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2024. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/7269>. Acesso em: 11 out. 2024.

SILVA, Patrícia Pereira da. *Slam das minas e as subjetividades negras na poesia contemporânea das manas, monas e monstras*. 2023. 140 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2023. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/4663>. Acesso em: 11 out. 2024.

SILVA, Maria Verônica da. *Dona Ivone Lara: reminiscências de um canto feminino negro*. 2023. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/20669>. Acesso em: 11 out. 2024.

SIQUEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SIQUEIRA, Denise Tolfo. (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-43.

SOARES, Cibele Moni. *A voz das ruas: resistência negra e feminina no Poetry Slam*. 2021. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10923/17322>. Acesso em: 11 out. 2024.

TRUTH, Sojourner. E não sou uma mulher?. Tradução de Osmundo Pinho. *Portal Geledés*, 8 jan. 2014. Disponível em: www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/. Acesso em: 11 out. 2024.

UERJ. Diretoria de Comunicação. *Feminismos Zineiros no Centro Cultural*. Rio de Janeiro, 25 jun. 2023a. Disponível em: <https://www.uerj.br/agenda/feminismos-zineiros-no-centro-cultural>. Acesso em: 11 out. 2024.

UERJ. Diretoria de Comunicação. *Poesia é a marca do Ânima 2023 na COART*. Rio de Janeiro, 30 maio 2023b. Disponível em: <https://www.uerj.br/agenda/feminismos-zineiros-no-centro-cultural>. Acesso em: 11 out. 2024.

Recebido em: 29/10/2024

Aprovado em: 20/12/2024

Licenciado por

